

RECADO DE PARIS

PARIS, maio — Verdaderamente bela, essa catedral de Strasburgo — bela e comovente, plantada no coração da Europa, e cujas tôrres ficam trêmulas sempre que outra guerra começa. Amo especialmente o portal direito, com suas virgens loucas e suas virgens sábias, e sobretudo essas duas estátuas de uma incomparável firmeza e doçura plásticas, representando a Igreja e a Sinagoga.

Mas o imenso relógio me entristece. O guia explica que êle foi construído em começos do século passado para substituir o que existia em 1571, que por sua vez substituiu o que fôra construído em 1352. Indica o tempo médio, o tempo verdadeiro, o tempo sideral, as festas móveis da igreja, as horas de nascimento e pôr do sol e da lua, as fases e eclipses da lua, as revoluções médias de cada planeta e não sei que mais.

O Tempo, os Apóstolos, uma infinidade de personagens alégoricas desfilam, marcando os quartos de horas a bater sinos ou se inclinando em silêncio perante o Cristo. Há um galo que canta batendo três vezes a asa.

Somos informados do segundo, do século, de tudo. E tudo isso é imensamente engenhoso, com um frade de barbas imensas a explicar tudo — mas tem alguma coisa de monstruoso e triste. O Tempo está demasiado explorado e retalhado, previsto, segundo a segundo, por milênios que virão, marcado, implacavelmente, desossado em cada instante.

Não, o tempo não é isso. Êle vòe entre dois Kirchs nessa aldeia linda da Alsácia, tôda florida e suave na beira de um regato; êle é pesado e lerdado, trágicamente duro e lento em outros instantes.

E essa imensa luz cheia que nasce sobre as cerejeiras em flor, eja não consultou o relógio do frade antes de nascer: é um milagre de beleza que surgiu para abençoar um brasileiro bêbado.

N. 5.50

R. B.

RN out. 79